

MULHERES EM ASCENSÃO: ESTUDO COMPARATIVO DE TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS DE MULHERES NEGRAS E BRANCAS NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFF

PINTO, Giselle – UFF – giselleuff@yahoo.com.br

GT: Afro-Brasileiros e Educação / n.21

Agência Financiadora: CAPES

As discussões sobre as desigualdades que atingem às mulheres negras no Brasil comumente apontam para a presença de uma tríplice discriminação: por ser mulher, negra e pobre. Se por um lado esse esquema de análise torna mais fácil a compreensão de três poderosos fatores determinantes da violência estrutural que atinge este segmento, por outro requer a compreensão de que a mulher negra vivencia simultaneamente graus extremos de violência decorrente do sexismo e do racismo. A discriminação racial e de gênero agem na vida destas mulheres, diminuindo as suas perspectivas de alcançar melhores posições sociais. Assim, vemos que as mulheres negras sofrem um conjunto de desvantagens sócio-econômicas cumulativas que resultam em qualidade de vida inferior à da população branca, e também em dificuldades no acesso, com qualidade, a diferentes serviços, destacando-se a educação, vista pela sociedade como possibilidade de ascensão social.

Este trabalho busca investigar trajetórias de mulheres que frequentam cursos de pós-graduação, mestrado, na UFF e assim realizar o confronto entre as trajetórias educacionais das mulheres negras e brancas evidenciando possíveis diferenças e semelhanças. Pretende-se também, averiguar a proporção de homens e de mulheres presentes no universo selecionado.

As questões que esta pesquisa busca responder são: Qual o significado que a pós-graduação tem para as mulheres negras e brancas ingressas no curso de mestrado da UFF? A pós-graduação significa ascensão social para estas mulheres? Qual o peso que a raça e o seu cruzamento com gênero apresentam na posição social ocupada pelas mulheres e como estes interferem na produção das possibilidades de acesso e permanência nos sistemas educacionais?

Estudar a questão racial e de gênero no Brasil, significa verificar o impacto das variáveis raça e gênero nas determinações da estratificação social, além do peso destas para a caracterização dos processos de exclusão social de segmentos como as mulheres negras.

Esta investigação se justifica, na medida em que visa discutir o racismo e as vulnerabilidades decorrentes de sua interseccionalidade com outros fatores como o sexismo, e mostrar como estes têm produzido ao longo da história desigualdades sociais entre os indivíduos na sociedade brasileira.

Sabendo que esta interseccionalidade mostra sua face mais perversa em todas as fases da vida das mulheres negras, e se faz presente em todos os espaços que esta busca ocupar, justifico a importância deste trabalho por buscar ao mesmo tempo ampliar a discussão sobre o impacto destes processos de exclusão na qualidade de vida deste segmento, por ser a mulher negra que sofre mais perversamente os efeitos do racismo e das desigualdades no seu cotidiano, e por almejar discutir sobre a pós-graduação, que é um espaço onde *“o efeito da segregação, resultante de histórias de vida que quase nunca se tocaram, se faz sentir e onde qualquer fantasia da mestiçagem mostra-se realmente falsa”*. (CARVALHO, 2003: 185) Para ingressar neste espaço de alta competitividade, os estudantes negros, ai incluo as mulheres negras, sofrem grande pressão devido à carência de capital cultural exigido neste espaço, como por exemplo, o domínio de línguas estrangeiras, o que gera um processo de exclusão simbólica com conseqüências em seu desempenho.

Para analisar os dados da pesquisa, tenho como referência o que nos diz Pastore & Silva (2000) sobre a importância da educação:

A educação é o mais importante determinante das trajetórias sociais futuras dos brasileiros, importância que vem crescendo ao longo do tempo. Não é exagero dizer que a educação constitui hoje o determinante central e decisivo do posicionamento socioeconômico das pessoas na hierarquia social.

Por sua vez, um dos principais problemas estruturais da sociedade brasileira é o baixo nível educacional da população. (PASTORE & SILVA, 2000: 40)

Alguns fatores concorrem negativamente na performance da população negra no sistema educacional como a pobreza material; diversidade cultural das famílias negras; os estereótipos negativos ligados ao negro no imaginário social e presentes na escola, nos instrumentos didáticos, nas relações entre os alunos; o sentimento de abandono que as crianças negras carregam pela omissão dos professores diante das situações de humilhação

racial de que elas são vítimas no cotidiano escolar, quando não são os próprios professores os agentes da discriminação. Por fim, sobretudo tem sido determinante nesse processo a incapacidade e/ou ausência de vontade política no sistema educacional para ofertar ensino público de qualidade às populações negras e pobres. (HENRIQUES, 2002: 8)

Segundo Carvalho(2003),

Relatos constantes de pós-graduandos e professores negros apontam para o sentido de isolamento que experimentam no ambiente universitário em que circulam. No caso dos professores, a pulverização de sua presença é ainda mais intensa, o que dificulta a própria possibilidade de colocar para os colegas e para a comunidade acadêmica em geral a situação de exclusão e de discriminação de que são vítimas.(CARVALHO, 2003:185)

Em relação aos alunos negros que cursam a pós-graduação, Carvalho (2003) aponta que deles são esperados uma linguagem que desconhecem e que não sabem como aprender a linguagem dos brancos acadêmicos.

E é crucial aprender a linguagem acadêmica branca, já que o acesso à pesquisa, aos grupos de discussão, às informações e aos dados do saber disciplinar que apenas circulam nas interações informais dependem da absorção e da desenvoltura no manejo desses códigos secretos do *ethos* acadêmico. (CARVALHO, 2003:185-186)

As desigualdades educacionais se revelam mesmo em níveis elementares, como a Educação Infantil e mesmo nos outros níveis de ensino. Hasenbalg (1987) aponta a discriminação como um dos fatores responsáveis pela limitação da participação da população negra no sistema escolar. Segundo o autor, nosso sistema de ensino público está marcado por um mecanismo de recrutamento, onde as crianças negras são encaminhadas para as escolas mais pobres, por sua condição de classe e pelo estigma da cor. Uma vez constituída essa clientela socialmente homogênea, os docentes atuam no sentido de reforçar a crença de que os alunos negros e pobres não são educáveis.

Nesse quadro de desigualdades, a escola deveria contribuir para a promoção desse grupo racial, mas, a realidade educacional do mesmo confirma a intensidade e o caráter

estrutural da discriminação racial. Podemos observar este fato analisando os dados do IPEA de 1993-2003, que mostra que apesar do crescimento na média de anos de estudo da população em geral (aproximadamente 1,5 anos) ao longo da década 1993-2003, o diferencial entre negros e brancos teve uma queda não muito significativa neste período. Se em 1993, esse diferencial era de 2,1 anos a favor dos brancos, em 2003 ele caiu apenas para 1,9. Isto se acirra ainda mais quando analisamos as taxas de analfabetismo de pessoas de 15 anos ou mais. Acompanhando o progresso dos indicadores educacionais experimentados pelo Brasil ao longo desses 10 anos, as taxas de analfabetismo apresentaram quedas significativas para a população como um todo, caindo de 16,4% em 1993 para 11,6% em 2003. (PINHEIRO & SOARES, 2004: 12) Entretanto, as desigualdades raciais permanecem quase inalteradas.

Ao darmos um recorte de gênero nos dados sobre educação, segundo Pinheiro e Soares,

A grande maioria dos indicadores mostra avanços maiores para as mulheres em comparação aos homens, ocorrendo, em alguns casos, inversões de tendências, as mulheres ultrapassam os homens em alguns indicadores entre os anos de 1993 e 2003. (PINHEIRO & SOARES, 2004: 12)

No entanto, sabemos que isso não significa que as desigualdades e discriminações de gênero foram eliminadas do universo educacional. Muito pelo contrário, elas apenas se manifestam de forma distinta, particularmente por meio de posturas sexistas de professores(as), de livros didáticos ou para-didáticos que reproduzem estereótipos de gênero e raça e que contribuem para manter a mulher em uma posição social inferior à do homem.

Na realização da pesquisa utilizarei séries estatísticas e indicadores sociais desagregados por raça e gênero; entretanto, sabendo que apenas os indicadores sócio-econômicos não são capazes de apreender e explicitar toda a dinâmica da discriminação racial, utilizarei conjuntamente dados e estratégias de pesquisa que possibilitem uma maior visibilidade àqueles que não aparecem nos gráficos estatísticos sem, contudo, limitar-se a "individualizar" algumas escolhas e trajetórias, procurando nelas seu sentido mais sociológico, ou seja, as bases sociais capazes de permitir a outros indivíduos escolhas e

trajetórias semelhantes; e, ainda, sem abrir mão das análises mais amplas e abrangentes, que só pesquisas estatísticas são capazes de oferecer”. (TEIXEIRA, 2003: 30)

Tal concepção metodológica, em relação à pesquisa, aponta para a necessidade de se produzir um tipo de investigação centrada na construção da história de vida cotidiana das mulheres entrevistadas. Procurarei através da pesquisa de campo, captar em profundidade as experiências educacionais destas mulheres, e como estas influenciaram no ingresso na pós-graduação. Considero necessário entender outros aspectos do dia-a-dia destas mulheres que de alguma forma, configuram suas trajetórias nas organizações educacionais. As relações estabelecidas nestes ambientes.

Acredito que a análise das trajetórias de mulheres negras e brancas, pós-graduandas, comparativamente, pode produzir conhecimentos importantes sobre discriminação no sistema educacional, pois estas podem nos trazer dados novos quanto às dificuldades que enfrentaram no acesso ao ensino superior e principalmente no acesso à pós-graduação e sobre a maneira pela qual os entraves encontrados foram superados.

Embora as mulheres que serão envolvidas na pesquisa já tenham ingressado nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, mestrado, da Universidade Federal Fluminense, buscarei recompor suas trajetórias no ensino fundamental, médio e superior nas instituições de ensino, compondo assim suas trajetórias educacionais.

A entrevistas semi-estruturadas serão realizadas com cerca de 20 alunas negras e brancas, selecionadas dentre os 40 cursos divididos nas seguintes áreas: Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Ciências Agrárias e da Terra, Linguística, Saúde e Tecnológicas.

A inclusão de alunas de diferentes áreas nos auxiliará a buscar respostas a estes questionamentos e a captar a possível diversidade da dinâmica da trajetória educacional de mulheres negras e brancas envolvidas em contextos sócio-educacionais distintos ainda que localizados dentro da mesma universidade.

Referências Bibliográficas:

- CARVALHO, José Jorge. *Ações Afirmativas para negros na pós-graduação, nas bolsas de pesquisa e nos concursos para professores universitários como resposta ao racismo acadêmico*. In: *Educação e Ações Afirmativas. Entre a justiça simbólica e a justiça econômica*. Orgs. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva; Valter Roberto Silvério. INEP. Ministério da Educação, 2003.
- HASENBALG, Carlos Antônio. *Raça e oportunidades educacionais no Brasil*. In: *Cadernos de Pesquisa*, nº 73. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1987
- HENRIQUES, Ricardo. *Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação*. Brasília, novembro, UNESCO. 2002
- PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle. *Mobilidade Social no Brasil*. São Paulo, Makron Books, 2000.
- PINHEIRO, Luana; SOARES, Vera. *Retrato das desigualdades. Raça e Gênero*. Programa Igualdade de Gênero e Raça – UNIFEM – IPEA, 2004.
- TEIXEIRA, Moema de Poli. *Negros na universidade. Identidade e trajetórias de ascensão social no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Pallas, 2003.